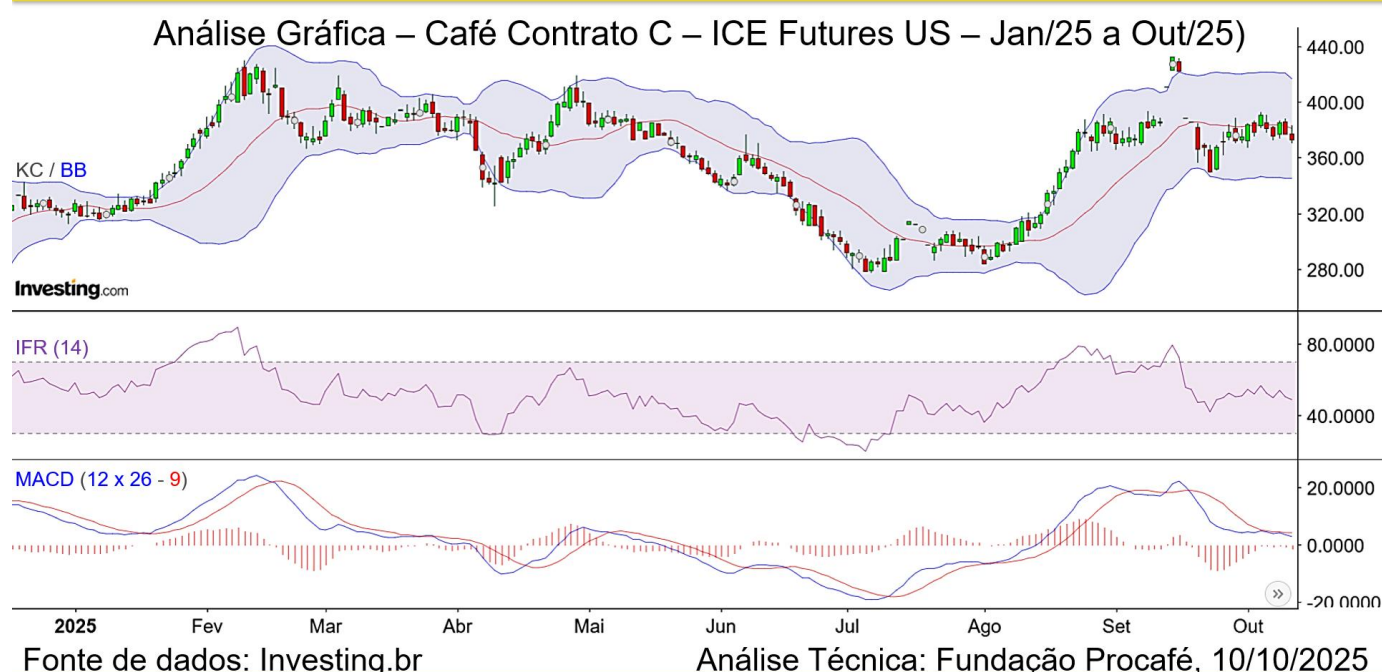


A volatilidade sempre abre portas para oportunidades!!

No mês de setembro/2025, na ICE Futures US (Bolsa de Nova Iorque), o café Arábica, que iniciou o mês com o fechamento do primeiro dia de negócios em 370,35 cents/lb, chegou a ser negociado acima dos níveis de 420,00 cents/lb, para depois ser negociado abaixo de 350,00 cents/lb e, então, encerrar o mês com fechamento do último dia em 374,85 cents/lb, portanto, um mês de extrema volatilidade. Já na ICE Futures Europe (Bolsa de Londres), o Canephora (Robusta/Conilon), que iniciou o mês com o fechamento do primeiro dia de negócios em USD 4.628,00/ton, chegou a ser negociado acima dos níveis de USD 4.850,00/ton, para depois bater a mínima de USD 4.037,00/ton e encerrar o mês com fechamento do último dia em USD 4.200,00/ton, portanto, um mês de extrema volatilidade que, no balanço geral, apresentou queda nas cotações. Os motivos desses movimentos e dessa volatilidade nas principais Bolsas de café do mundo com algumas perspectivas futuras, a seguir...



Fechamentos - Mês de Setembro/2025

DESCRIÇÃO	MÍNIMA	MÁXIMA	ÚLTIMO DIA DO MÊS
Café CD, B/C, bebida mole, tipo 6 (R\$/sc)	R\$2.200,00	R\$2.500,00	R\$2.300,00
Café B/C, bebida dura p/ melhor, tipo 6/7 (R\$/sc)	R\$2.100,00	R\$2.400,00	R\$2.180,00
Café B/C, bebida rio, tipo 7 (R\$/sc)	R\$1.450,00	R\$1.760,00	R\$1.500,00
Café Conilon, B/C, tipo 7/8 (R\$/sc)	R\$1.220,00	R\$1.420,00	R\$1.290,00
Bolsa NY - ICE US (cents/lb)*	350,15	417,65	374,85
Bolsa SP - [B] ³ - tipo 4/5 (USD/saca)*	423,85	505,40	450,70
Bolsa Londres - ICE Europe - Canephora (USD/ton)**	4.094,00	4.842,00	4.200,00
Câmbio - PTAX de venda - USD/R\$	R\$ 5,3010	R\$ 5,4680	R\$ 5,3186

Fontes: Principais praças de café, [B]³, ICE Futures US, ICE Future Europe, BCB.

*Contrato/Vencimento: Dezembro/2025

**Contrato/Vencimento: Novembro/2025

FATORES DE SUSTENAÇÃO (ALTA)

No mês de setembro/25, o mercado de café, tanto na Bolsa de NY como na de Londres, apresentou altíssima volatilidade. Para se ter noção, na Bolsa de NY, o café chegou a ser negociado a 424,00 cents/lb no dia 16/set e, uma semana depois, foi negociado abaixo de 350,00 cents/lb, um diferencial de mais de 7.000 pontos em apenas uma semana. Produtor deve ficar esperto às oportunidades que o mercado costuma propor nesses períodos de alta volatilidade e agir rapidamente para não perder tais ocasiões, pois elas não vêm se estendendo, os preços estão indo e voltando muito rápido, a volatilidade diária vem impressionando.

Com relação aos fundamentos, no início do mês, o clima ainda seco e sem tantas perspectivas de chuvas juntamente com as preocupações em torno do abastecimento global diante um quadro de estoques escassos ditaram o tom altista do mercado. A uma altura dessas, os olhares já se voltam mais para a safra do ano de 2026, em especial, do Brasil. Apesar disso, é preciso considerar que a perda do potencial produtivo da safra brasileira de 2025 em função da estiagem do ano passado aliada à perda no rendimento em função do veranico do início deste ano segue impressionando e limitando a oferta. Apesar do incremento de produção em outras origens para o atual ciclo (2025/26), tais como Vietnã, Etiópia, Indonésia, dentre outras, que culminará em um novo recorde de produção global (178,680 milhões de sacas), é preciso seguir atento ao fato de que, ainda assim, os estoques globais ao final do ciclo 2025/26 estão estimados em 22,819 milhões de sacas, o que representa 13,47% do consumo global, portanto, um nível crítico e também insuficiente para, sequer, dois meses do consumo global estimado em 169,363 milhões de sacas e que também representa um recorde, o que tende a minar quedas mais expressivas e manter o mercado extremamente sensível a qualquer adversidade climática. Neste sentido, a bola da vez são as floradas aqui no Brasil, que ainda dependem de bons volumes de chuvas para um bom pegamento em vistas da safra do ano de 2026. No mês de setembro, as chuvas irregulares mantiveram a apreensão no mercado de café, que segue aguardando uma novidade mais concreta, seja de tensão ou de alívio climático. Os modelos climáticos apontam chuvas mais regulares para o mês de outubro.

A NOAA (Administração Oceânica e Atmosférica Nacional dos Estados Unidos) confirmou, o início oficial do fenômeno meteorológico La Niña, caracterizado pelo resfriamento das águas do Pacífico Equatorial. Segundo a agência, há 59% de chance de o fenômeno se manter até fevereiro ou abril de 2026, antes de retornar a um estado neutro entre março e maio. Apesar de classificar o episódio atual como fraco, com impactos menos acentuados sobre os padrões climáticos, a NOAA ressalta que, ainda assim, os efeitos previsíveis do La Niña são capazes de provocar alterações nos padrões climáticos em diversas regiões, especialmente nas Américas, inclusive no Brasil, com possibilidade de maior volume de chuvas no Norte e Nordeste, tempo seco e irregular no Centro-Sul, tendência de estiagem no Sul e maior entrada de massas de ar frio, aumentando a variação térmica.

Se por um lado a expectativa de uma safra volumosa do Vietnã, sendo a maior dos últimos quatro anos, pressiona as cotações, por outro lado, recentes problemas climáticos deram certa sustentação aos preços. Fortes chuvas decorrentes do Tufão Bualoi afetaram regiões produtoras no Vietnã. As precipitações causaram inundações em algumas fazendas e interromperam o trabalho nas plantações, impactando a produção e a colheita.

Apesar dos problemas climáticos no Vietnã, diante o atual cenário de oferta restrita, o mercado segue na expectativa da disponibilidade dos cafés de países que estão em início de colheita,

como Vietnã, Colômbia e América Central, cujos volumes ainda são limitados e devem chegar em maior volume de dezembro em diante, momento em que pode até mesmo vir a exercer certa pressão sobre as cotações. Porém, até que essas origens comecem a ofertar maiores volumes, no curto prazo, o cenário segue de oferta escassa e restrita a uma origem cuja safra colhida foi frustrante, o Brasil. Portanto, neste curto prazo, é possível vislumbrar novas oportunidades de bons preços.

Confirmando o atual quadro de oferta ainda restrita, dados da OIC (Organização Internacional do Café) apontam que as exportações globais de agosto/25, estimadas em 11,354 milhões de sacas, apresentaram uma queda de 3,73% em relação a agosto/24, quando o total das exportações globais somaram 11,794 milhões de sacas. A América do Sul segue como impulsionadora das retrações recentes nas exportações globais de café, apresentando uma redução de 14,24%, com exportações de 4,94 milhões de sacas em agosto/25 contra 5,76 milhões de sacas exportadas em agosto/24. A propósito de uma safra 2025/26 frustrante aqui no Brasil, o volume das exportações brasileiras de café segue em queda. De acordo com o Cecafé (Conselho dos Exportadores de Café do Brasil), o Brasil exportou 3,750 milhões de sacas de café no mês de setembro/25, volume que implica queda de 18,44% em relação às 4,598 milhões de sacas embarcadas no mesmo mês de 2024. Nos três primeiros meses do ano safra 2025/26, a performance é parecida, com os embarques caindo 20,6%, para 9,676 milhões de sacas. Já no ano civil, de janeiro a setembro de 2025, o Brasil exportou 29,105 milhões de sacas, o que representa um declínio de 20,46% frente aos 36,593 milhões de sacas exportados nos nove primeiros meses do ano passado. Em parte, o fluxo menor de remessas ao exterior se deve: às exportações recordes de 2024 que culminaram em níveis de estoques extremamente críticos, à perda do potencial produtivo da safra 2025/26 impactada pelo clima e, ainda, aos efeitos das tarifas norte-americanas impostas às importações do Brasil que potencializaram o declínio já esperado para as exportações do atual ciclo.

Tendo como principais atores, o presidente dos EUA, Donald Trump, e o presidente do Brasil, Lula, a novela do tarifaço norte-americano também sacudiu o mercado de café no mês de setembro. Ainda no início do mês, Donald Trump assinou um decreto oferecendo isenções tarifárias sobre a importação de mais de 45 categorias de produtos, incluindo o café, mas somente a parceiros considerados alinhados e que firmam acordos comerciais com os EUA, o que até então não era o caso do Brasil por não haver negociações efetivas entre os dois governos. Já entre o final de setembro e início de outubro, a situação parece ter evoluído e, após conversa amistosa entre os presidentes, a possibilidade de negociações com desfecho positivo aumentou. E conforme exposto mais abaixo, em fatores de pressão, caso as negociações tenham êxito, apesar de saudável para o mercado de café, é muito provável que tal fato exerça pressão sobre as cotações uma vez que tende a amenizar a restrição de oferta ocasionada no mercado norte-americano.

Em consequência de uma oferta mais restrita nos EUA, seja pela escassez ocasionada pelas adversidades climáticas dos últimos anos ou pela exclusão de determinadas origens fornecedores em função do tarifaço, os estoques novaiorquinos seguem em declínio. Os estoques certificados da ICE Futures US também seguem em queda. Para se ter melhor noção, no decorrer do mês de setembro, os estoques certificados de NY apresentaram uma baixa de 19,75%. Ao final de agosto/25, os estoques certificados de NY estavam em 710.196 scs; ao final de setembro/25 estavam em 569.937 scs; e hoje (10/outubro) fecharam em 509.383 scs, o menor nível dos últimos 18 meses e do qual apenas 6,5% são de origem brasileira. Antes do anúncio do tarifaço (Abril/25), os cafés brasileiros vinham representando em média algo em torno de 60% a 70% dos estoques

certificados de NY. No contexto geral, há um ano atrás os estoques certificados de NY giravam em torno de 800.000 scs, um nível que já era considerado crítico.

Na primeira quinzena do mês, o clima seco e sem tantas perspectivas de chuvas, as preocupações em torno do abastecimento global e o dólar enfraquecido levaram as cotações ao rompimento de importantes resistências que culminou na ativação de ordens automáticas por parte de fundos de investimentos e especuladores cujo saldo líquido comprado saltou para mais de 40.000 contratos no dia 16/set, momento em que houveram negócios superiores aos níveis de 420,00 cents na Bolsa de NY.

O corte dos juros norte-americanos em 0,25%, para a faixa 4% a 4,25% ao ano, apesar de tímido, tende a refletir no mercado de um modo geral, pois, além da facilitar o acesso a recursos financeiros, o corte de juros tende a reduzir o apelo por renda fixa e aumentar a atração dos investidores por ativos de maior risco, tal como o café. Além do corte do mês de setembro, os dirigentes do FED (Banco Central dos EUA) começaram a minimizar o risco relacionado à persistente inflação norte-americana e agora estão mais preocupados com a evolução do desemprego e com o arrefecimento do desenvolvimento econômico do país. Desta forma, as projeções apontam a possibilidade de mais dois cortes, de 0,25% cada, nas duas reuniões restantes da política monetária dos EUA em 2025.

FATORES DE PRESSÃO (BAIXA)

No mês de setembro/25, conforme exposto em fatores de sustentação, o mercado de café, tanto na Bolsa de NY como na de Londres, apresentou elevado nível de volatilidade. Apesar das cotações na Bolsa de Nova Iorque terem apresentado um dos maiores níveis de preços da história, logo uma semana depois, rompeu importantes linhas de suporte indo abaixo de 350,00 cents/lb.

Origens como Vietnã, Colômbia e América Central estão no início de safra do ciclo 2025/26, porém os volumes que chegam ao mercado ainda são muito limitados. De dezembro em diante, quando os cafés destas origens começarem a chegar ao mercado em maior volume, elevando a disponibilidade física, é muito provável que exerçam certa pressão sobre os preços.

As floradas aqui no Brasil já começaram a abrir em grande parte do país, porém, agora as chuvas em bom volume e de modo regular são cruciais. Inclusive, em determinadas regiões, as floradas foram vistosas e expressivas, o que chegou a pressionar os preços. É fato que, embora não tenha muita chance de ser uma safra recorde, a safra 2026/27 segue tendo potencial para ser volumosa. Caso se confirme uma safra volumosa para o ciclo 2026/27, a possibilidade de o mercado atrofiar aumenta bastante. Neste contexto, atualmente, na Bolsa de NY, o mercado se encontra no padrão invertido, com os vencimentos mais curtos mais valorizados do que os vencimentos mais longos. A seguir, apenas uma reflexão sobre o potencial de desvalorização do atual ciclo (2025/26) para o próximo ciclo (2026/27) caso clima colabore daqui em diante: no momento atual, existe um diferencial de mais de 5.000 pontos entre o vencimento do mês de dezembro/25 (hoje o de maior liquidez) contra o vencimento de setembro/26, o que quer dizer que, com o câmbio de hoje, o mercado está precificando o atual ciclo 2025/26 (2025/26 - dezembro/25) com um valor de aproximadamente R\$ 380,00/sc a mais do que o ciclo que vem (2026/27 - setembro/26). Mas muita atenção, flor não é café, uma boa safra para o ano de 2026 ainda depende do clima daqui em diante. Os modelos climáticos indicam maior volume e regularidade de chuvas para o mês de outubro. Inclusive, neste início de mês, as chuvas já começaram a dar as caras juntamente com

temperaturas mais amenas, o que é propício para um bom pagamento das floradas. Apesar disso, é preciso cautela diante a confirmação do La Niña que, embora de baixa intensidade, pode influenciar a configuração dos padrões climáticos, em especial, nas Américas, conforme afirma a Administração Oceânica e Atmosférica Nacional dos Estados Unidos (NOAA). Quaisquer adversidades climáticas podem, não somente minar uma possível deterioração dos preços, mas também propor novos picos.

Mais para o final do mês de setembro, o discurso do presidente dos EUA na Assembleia Geral da ONU (Organização das Nações Unidas), em um tom mais ameno, informando que ele e o presidente brasileiro tiveram um breve encontro nos bastidores e que concordaram em conversar, pressionou os preços ao alimentar uma espécie de alívio geopolítico entre as duas nações, deixando o mercado otimista com a possibilidade de um acordo comercial em vistas da redução das tarifas americanas de 50% sobre as exportações brasileiras para os EUA. No início deste mês de outubro, os presidentes se falaram amistosamente por telefone, momento em que o presidente brasileiro pleiteou ao norte-americano que reveja o tarifaço e as sanções a autoridades brasileiras. Trump designou o secretário de Estado Marco Rubio para dar sequência às negociações sobre o tarifaço com o vice-presidente Geraldo Alckmin e outros representantes do governo brasileiro. Caso as negociações entre os governos do Brasil e dos Estados Unidos tenham êxito, apesar de saudável para o mercado de café, é muito provável que exerça pressão sobre as cotações uma vez que tende a amenizar a restrição de oferta ocasionada no mercado norte-americano e que certamente vem impactando negativamente na disponibilidade de café no país. Ainda com relação às tarifas norte-americanas, a novidade fica para a China. Hoje (10/10), Donald Trump, ameaçou impor tarifas de 100% sobre China por conta de medidas anunciadas recentemente pelo país asiático com relação ao controle de exportação de terras raras e outros materiais. Trazendo mais instabilidade ao cenário macroeconômico, há ainda o shutdown nos EUA (não aprovação do pacote de financiamento ao governo Trump). Sem acordo entre democratas e republicanos para aprovar o orçamento, a paralisação ocasionada pelo Shutdown deve impactar trabalhadores e empresas norte-americanas e, ainda, os mercados globais, tal como o café. Muito provável que esse novo embate comercial aliado ao shutdown deva impactar várias vertentes da economia global pela aversão a risco que gera em meio aos receios de uma possível recessão norte-americana.

Com relação ao câmbio, a deterioração do Dólar contra o Real que encerrou o mês de setembro com a Ptax de venda a R\$ 5,3186, certamente inibiu uma valorização maior dos preços no mercado físico interno. Conforme posto na Síntese passada, fatores de naturezas distintas influenciam os movimentos da taxa de câmbio, incluindo choques externos, incertezas domésticas e a deterioração de fundamentos macroeconômicos. Porém, é importante considerar que o novo embate comercial entre EUA e China aliado ao risco que o shutdown traz para o cenário macroeconômico deve impactar o mercado cambial a nível global pela aversão ao risco que gera, com possível valorização da moeda norte-americana.

Tecnicamente, neste início do mês de outubro (até hoje 10/out), o mercado segue lateralizado como apontam os indicadores (Bandas de Bollinger, Índice de Força Relativa e Linha MACD) no gráfico da primeira página. Os fundos parecem estar aguardando alguma novidade mais impactante, sobretudo com relação aos fundamentos, para entrarem novamente com maior participação no mercado de café. Nos últimos dias, apesar da alta volatilidade dos preços, o volume de negócios foi abaixo da média na Bolsa de NY.

MENSAGEM AOS CAFEICULTORES

Muitos produtores se perguntam quando deverá ser o pico dos preços no decorrer do ciclo 2025/26. Essa é uma questão extremamente difícil de se cravar, pois como se sabe, os preços do café são suscetíveis a fatores que vão além dos fundamentos de oferta e demanda, tais como fatores cambiais, econômicos, geopolíticos, enfim, muitas variáveis que podem mudar do dia para a noite mudando o rumo do mercado. Apesar disso, no curto prazo, ainda existe a possibilidade de novos picos nos preços uma vez que não há possibilidade de desafogo imediato na oferta. Por mais que a isenção de tarifas para o café brasileiro se concretize e que haja expectativa em torno da chegada de cafés de outras origens ao mercado, levará um certo tempo para que tais fatos consubstancializem disponibilidade física, ou seja, o alívio não será imediato. Já no médio prazo, caso o clima siga favorável para a consumação de um bom pagamento das floradas aqui no Brasil juntamente com a chegada mais efetiva dos cafés de outras origens (que estão iniciando a colheita) é possível que o mercado apresente novas quedas nos preços. Porém, ao menos, até o final do ciclo 2025/26, tal queda deve ser limitada diante o quadro de escassez podendo haver espaço para elevações mais acentuadas também ao final do atual ciclo (abril, maio e junho/26). Todos esses fatores devem seguir provocando fortes oscilações nos preços do café. A volatilidade sempre abre portas para oportunidades!! Desta forma, diante a volatilidade que o mercado vem apresentando, o produtor deve explorar os momentos oportunos que surgirem montando sua estratégia comercial com diferentes alvos de preços, baseados na referência de precificação para café no mundo (ICE Futures US – Bolsa de NY), explorando o intervalo de preços que o mercado vem operando, explorando diferentes linhas de resistência, participando dos momentos de sobrecompra, sem deixar de considerar que no mercado de café, tudo é possível, o que, a depender do perfil de cada produtor, pode ser interessante ou não deixar determinada quantidade para caso, novos surtos climáticos, conduzam os preços a níveis acima das linhas de resistência, mas cientes de que isso pode não acontecer e o oposto pode, da mesma forma, acontecer. Portanto, definam um percentual de quantidade a ser vendida para cada alvo de preço e, quando as oportunidades surgirem, não percam tempo.

Varginha, 10 de outubro de 2025.

Analista: **João Marcelo Oliveira de Aguiar**
Superintendente Executivo - Fundação Procafé